ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

DIRECTOR: — CARLOS MALHEIRO DIAS

Nº 9

2ª SÉRIE

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA Illustração Portugueza

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias, inaugura hoje uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas cathegorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho (professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc).

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCI**[O r]ecebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero, e será publicado com esse numero; toda[s] as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta (com todas as indicações bem legiveis) mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro, esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação.... **1$000 réis** **4 publicações....** **2$500 réis**
Annuncios commerciaes, uma publicação....... **800 réis** **4 publicações....** **2$000 réis**

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta feira de cada semana.

O Libello do Cardeal Diabo

Está correndo em Roma, pela Sagrada Congregação dos Ritos, o processo de canonisação do condestavel Nun'Alvares, o nosso Bertrand du Guesclin, famoso *condottieri* portuguez do seculo XIV, que desde tempo remoto a piedade d'uma lenda enquadrou no oiro retabular dos santos. «Santo condestabre» lhe chama no *Leal Conselheiro* o casto D. Duarte,—que pouco antes fizera d'elle alcoviteiro dos seus amores com a hespanhola Leonor Manuel. «Santo Condestabre» lhe chamou o povo, vendo-o depois das suas brutalidades e das suas violencias de epileptico edificar um mosteiro e vestir humildemente o tabardo de donato. «Santo Condestabre» lhe chamam tambem as

velhas chronicas dos Carmelitas descalços, contando milagres operados pelo burel do seu habito ou pela terra do seu tumulo. «Santo Condestabre» repete ainda, cinco seculos depois, o cardeal patriarcha de Lisboa D. José Netto, reclamando da curia romana a inscripção de Nun'Alvares no canon da Santa Egreja. Mas «Santo Condestavel», — porquê?

É a primeira vez que, tratando-se de Nun'Alvares, se faz com extranheza esta pergunta. Mas é preciso que se faça.

Evidentemente, levar-nos-hia longe o discutir perante a philosophia moderna e perante a moderna critica historica, o que é, em ultima analyse, esse conceito abstracto, esse vago typo moral de superhumanidade que o catholicismo romano designa pelo nome de — *santo*. O que importa é saber se no quadro estreito d'essa fórmula imposta pelo illuminismo medievo, restricta ainda pela confusa scolastica do seculo XIV e XV, tornada finalmente quasi inaccessivel pelo furor chrematistico dos papas do seculo XVII e XVIII, que converteram as canonisações n'um luxo devoto dos monarchas ricos,—o que importa é saber, dissémos nós, se n'esse typo-estalão do *santo* dos canones romanos, resplandecente de virtude e de martyrio, de resignação e de humildade, cabe a figura brusca, violenta, derrancada, cruel, combativa e grosseira do maior *condottieri* e do louco mais brilhante que Portugal tem visto á frente dos seus exercitos. «Santo Condestabre»? Mas santo,—porquê?

D. Nuno Alvares Pereira, quadro de Luciano Freire (no Museu d'Artilharia)

É precisamente este ponto que durante um longo e escrupuloso inquerito vae começar a ser debatido em Roma, em successivas reuniões da Sagrada Congregação dos Ritos. Salvo o caso de beatificação equipollente, que encurtaria de meio seculo esse inquerito mas que não é possivel pela difficuldade em se provar o culto «immemorial» pelo beatificando, — o processo deve demorar pelo menos cento e dez annos. O seu resultado já não é para os nossos dias, — nem para os dias dos nossos filhos, nem talvez para os dos nossos netos. Comprehende-se portanto o interesse que poderá despertar a antecipação, senão d'esse resultado, pelo menos dos debates que d'aqui a um seculo hão de preencher os tres consistorios consecutivos em que um sumptuoso capitulo de dignidades vermelhas procederá ao exame juridico da vida de Nun'Alvares. É sabido que esses tres consistorios, onde o processo do futuro santo só chegará depois de obtido o breve de «veneravel» por proposta da Sagrada Congregação, e a honra da beatificação por outro breve pontifical, — são tremendos tribunaes com procuradores e postuladores, bispos consultores e cardeaes das sagradas ceremonias, onde ha um defensor, — o defensor da Congregação dos Ritos, e um promotor de justiça, o «Cardeal Diabo» (*advocatus diaboli*), encarregado de accusar nos termos da bulla «*Immensa*» de Sisto V e da «*De beatificatione servorum Dei et canonizatione beatorum*», de Benedito XIV, todos os vicios, todas as miserias humanas, todas as maculas originaes dos candidatos ao circulo d'oiro da canonisação. Tratando-se do «Santo Condestabre», que tantas maculas tem e cuja proposta de inscripção no canon da Santa Egreja nos enche de justifiada extranheza, o julgamento deve ser evidentemente d'um interesse excepcional e a accusação d'uma violencia extrema.

Poderemos nós prever, pouco mais ou menos, com cento e tantos annos de antecedencia, em que termos será concebido, na sessão consistorial que decretar a canonisação de Nun'Alvares, o terrivel libello do «Cardeal Diabo»?

Podemos, talvez, — e vamos tental-o.

Sem duvida, o promotor da Sagrada Congregação, *advocatus diaboli*, será no anno de 2016 um purpurado italiano archi-intelligente, infinitamente arguto, mestre na arte suprema de conhecer o seu semelhante. D'uma rara subtileza, logo que lhe seja commettido o encargo pela Congregação dos Ritos, informar-se-ha antes de tudo da ascendencia do candidato, estudará como um psychiatra os seus antecedentes hereditarios, como um erudito a sua genealogia confusa.

Esse estudo será para elle fecundo em conclusões. Affirmará em pleno consistorio que Nun'Alvares, génito de dois coitos damnados sobrepostos, era filho de um prior, — o prior do Crato D. Alvaro Gonçalves, alchimista, astrologo e fazedor d'oiro, e neto d'um arcebispo, — o arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, creatura brutal, devassa, perdularia e esbanjadora. Dirá ainda que o «Santo Condestabre» descende d'uma familia de violen-

Nun'Alvares, donato do Mosteiro do Carmo

tos, de impulsivos, de loucos, de incendiarios, de assassinos vulgares. Um seu 5.º avô paterno, leonez, Gonçalo de Fruias, *«fazia pello corpo feytos estremados, mas era muy louco nas palavras e não foy bem amado dos bôos»*. Do segundo casamento que esse homem fez, nasceu-lhe um filho doido, perseguido, que para não o empeçonharem pela agua que bebia se deixou morrer de *«door de sede»*. Do primeiro casamento teve outro filho allucinado, incendiario, — Ruy de Pereira: um dia, n'um accesso de delirio, julgou que a mulher estava dentro do castello de Lanhoso com um frade de Bouro, fechou as portas de ferro, largou fogo aos palheiros, ás alquerias, e tudo, homens, mulheres, familiarias, animaes, tudo ficou n'um monte de cinza. Por sua vez, um filho do primeiro casamento d'esta fera, Pedro Reis, assassinou um primo co-irmão, Pedro de Poyares, e foi avô do arcebispo de Braga, gigante mitrado e coberto d'oiro que excommungou e pegou em armas contra D. Affonso IV. O arcebispo teve um filho d'uma mulher réles de Salamanca, — filho este que foi o prior do Crato, e que por sua vez teve de varias mulheres trinta e dois filhos, um dos quaes, — o trigesimo, — foi Nun'Alvares. É eloquente a sua genealogia. O promotor da Sagrada Congregação fará resaltar o valor d'esta hereditariedade sombria e pesada, e mostrará bem a esse capitulo vermelho de principes que o «Santo Condestabre» representa apenas a integração, vagamente neutralisada, das taras de todos esses ancestraes bruscos, violentos, desequilibrados e impetuosos. Fará em seguida o retrato do futuro santo, segundo os escassos documentos iconographicos do tempo; referir-se-ha á estatua tumular mandada de Flandres pela duqueza de Borgonha, ás descripções de frei Simão Coelho, de frei José de Sant'Anna, de frei Domingos Teixeira: chamará a attenção do consistorio para o *«seo nariz afilado e agudento»*, para *«as sobrancelhas a caias e ruivas»*, para a *«pouca barba»* tão caracteristica nos degenerados. Entrará depois abertamente na questão do casamento de Nun'Alvares, no seu proposito feroz de conservar-se virgem, na castidade que manteve ininterrupta passado o episodio de poucos annos em que fez vida commum com a mulher. Mostrará que essa abstinencia, onde muitos já querem vêr o halo d'oiro da beatificação, não representa mais do que uma série de inhibições verdadeiramente pathologicas, a que não foi extranha a influencia das novellas do cyclo bretão, e especialmente do livro de Galaaz que o «Santo Condestabre» constantemente lia: «... *lia a miude por livros de estorias, especialmente da estoria de Galáz, que fala da Tavola redonda: e porque em ellas achava que por virtude de virgindade Galáz acabara grandes e notaveis feitos, desejando muito de o semelhar em algũa coisa, muytas vezes cuidava em sy de ser virgem*». Era o mesmo mysticismo casto que conservou virgem toda a vida o infante D. Henrique, que fez casar virgem D. Duarte aos 37 annos, que mais tarde floriu ainda na misogynia intransigente d'esse mystico hespanhol que foi D. Sebastião. — *«Eso es ser gigante»*, dizia frei Antonio de Escobar, no seu castelhano fradesco, exaltando esse aspecto da physionomia moral de Nun'Alvares. «Isso é ser-se apenas um degenerado profundo», — commentará d'aqui a um seculo o «cardeal Diabo» no seu tremendo libello accusatorio, entre as tapeçarias sumptuosas do Vaticano.

Retrato de Nun'Alvares, Chronica do Condestabre — 1526

Depois de ter analysado o «Santo Condestabre» *casto*, passará a analysar o «Santo Condestabre» *heroe*, o «Santo Condestabre» *homem de guerra*. É indiscutivel que á espada de Nun'Alvares deveu a casa de Avis a conquista, como deveu aos cabellos vermelhos do Doutor Mangaancha, do Doutor João das Régras e do Doutor Ruy Fernandes, a justiça, a politica e a administração. Entretanto, no heroismo do supposto santo, nada existe que recorde a scentelha divina do illuminado. Havia n'elle, é certo, alguma coisa mais do que o seu minucioso conhecimento da arte da guerra, devido sem duvida á intimidade de mercenarios inglezes e especialmente á de Micer Reymond, conde de Cambridge: e essa alguma coisa, era a desusada impetuosidade, a violencia barbara, a quasi inconsciencia com que Nun'Alvares se atirava, ás vezes sem armas, vestido d'um simples sobregonel de escarlata, para a *plebs-pulla* dos inimigos. Quando voltava, com os olhos injectados, a face vultuosa, coberto de poeira e de sangue, não sentia a mais ligeira dôr, não se recordava do que

Nun'Alvares, condestavel do reino

fizera, do que se passára, cahia n'um abatimento profundo e n'uma melancolia que o não abandonou nunca. No seu libello, d'uma esmagadora documentação, o «*advocatus diaboli*» fará notar ao consistorio que esta dysvulnerabilidade e esta amnésia consecutiva ás maiores violencias, dão ao heroismo de Nun'Alvares o caracter nitido, exacto, d'uma fórma abortiva do ictus epiléptico. Isso concorda, de certo modo, com o facto contado por D. Duarte no *Leal Conselheiro*, de ter o «Santo Condestabre» soffrido toda a sua vida de vertigens, pelas quaes bastantes vezes «*stevera em ponto de cayr em terra*». A temeridade lendaria do supposto santo, que de resto nunca se bateu pela fé nem pela Egreja como os illuminados primitivos, é pois facilmente integravel no quadro classico da epilepsia. Além d'isso, as allucinações sensoriaes foram vulgares em Nun'Alvares, e os proprios chronistas as fixaram em episodios curiosos. Certa madrugada, estando como fronteiro em Portalegre e conduzindo a caminho d'Elvas o seu exercito tranquillo, julgou vêr de repente ao longe, na claridade vaga do sol que rompia, faiscarem as lanças do inimigo, luzirem as lorigas brancas, moverem-se as hostes, voarem os pendões,—e bruscamente, n'uma allucinação, n'uma furia, ferindo o cavallo, cortando o ar, abalou pelos campos, de espada erguida:—«Senhores, tendes aqui o mestre de Santiago que vem para vos poer batalha!» Afinal, «*hindo todos por deante n'aquella hordenança*,—conta Fernão Lopes,—*acharam que nom era nada do que Nun'Alvares dissera...*»

O «Cardeal Diabo», perante o capitulo purparado dos consultores, dos procuradores, dos postuladores, frisará todos estes pontos e insistirá longamente n'esta parte importantissima do seu libello. Affirmará que o heroismo de Nun'Alvares nunca foi esse heroismo consciente, resplandecente de furor divino, em que se caminha n'um sorriso para o martyrio e para a morte com a consciencia da morte e do martyrio, — mas apenas um impulso morbido caracterisado, implacavel, brutal, independente da sua propria vontade e produzido por um determinismo inflexivel. O que tornou heroico o «Santo Condestavel» não foi, por conseguinte, a excellencia das suas virtudes: foi o acaso da sua doença.

O retrato de Nun'Alvares da Chronica dos Carmelitas

Mas não só a bravura de Nun'Alvares era uma bravura de louco; os mais insignificantes actos da sua vida trahiam uma evidente perturbação cerebral. Um dia,—conta o seu chronista anonymo—n'um banquete dado em Elvas ao rei de Castella por occasião dos esponsaes da infanta D. Beatriz, como apparecesse tarde e não lhe tivessem guardado o logar, empallideceu, fugiu-lhe a vista, «*chegou-se logo a hum cabo da mesa, e em presença del Rey e á sua vista alçou-a, com a perna tirou o pé da banca, e cayo a meza no chão e os que a ella erom ficarom todos espantados*». D'outra vez,—refere o seu biographo castelhano Rodrigo Mendez da Sylva,—vindo a Lisboa beijar a mão á Rainha pela morte de D. Fernando e tendo sido mandado aposentar no Paço, correu ás cutiladas pelos corredores o aposentador-mór, um tal Gil Eannes, pelo simples crime de trazer na mão uma carta. O horror doentio, a verdadeira phobia de Nun'Alvares pelos «*homês que trazião cartas*», já fôra notada por D. Duarte, que a ella se refere nas paginas do «*Leal Conselheiro*». De tempos a tempos, ainda antes de vestir o tabardo de semi-frater carmelita, tinha verdadeiros accessos de loucura, não sahia de casa, embrulhado na sua samarra de panno de Galles, mettido pelos cantos, «*senhoreado de humor merencoreo que lhe privava o comer e lhe tirava a affeição dos homês que não podia vel-os.*» O rei, mandava-lhe os seus phisicos palatinos, mes-

tre Affonso, mestre Rodrigo, mossem Johão Morsala, o seu proprio boticario francez Frei João monge de Alcobaça, — mas o «Santo Condestabre» tinha furias, recusava os medicos, cerrava os dentes, não queria vêr ninguem, ouvir ninguem. «*Por conselho dos fisicos o officio de Gil Ayras seu escrivão da puridade nom era outro se nom guardar que nenhũ homẽ non chegasse a elle a lhe fallar, especialmente com cartas. E todallas cartas que lhe vinhão, Gil Ayras tomava em sy e guardava e escrevia a aquelles que lhes enviavam os têrmos em que o conde era de sua dor*». Foi então, aos 62 annos, não porque o tocasse um brusco fervor mystico ou o illuminasse a graça divina, (e no seu libello o cardeal promotor hade accentual-o bem) mas pelo seu irreductivel horror aos homens, pela sua progressiva misanthropia, pela ruina evidente das suas faculdades cerebraes, — foi então que o «Santo Condestabre» se refugiou no mosteiro do Carmo, na qualidade de simples donato, ainda como contraste vaidoso com o seu antigo explendor secular. Foram as leituras dos philosophos e dos doutores da Egreja que o impelliram para a humildade, como o livro de Galaaz e as novellas do cyclo bretão o haviam impellido para a abstinencia. Creatura por natureza declamatoria e theatral, quiz dar ao povo o espectaculo d'um Condestavel do Reino a mendigar pelas portas, com o seu bordão, o seu tabardo de burel e a sua barba branca, mas, — diz o Compendio de Chronicas de Nossa Senhora do Carmo — «*não lh'o consentiram os Infantes*». Morreu oito annos depois, amollecido, demente, esqueletico, rodeado de frades, mal sustendo nos dedos uma vela accesa, cingido ainda n'um cilicio aspero, — e o povo, impressionado pelo contraste da extinção d'esse quasi rei na cinza e na humildade d'um habito carmelita, teceu em volta do seu nome uma lenda de santidade que floriu pelo tempo adiante em pretendidos milagres e em suppostos prodigios.

E essa lenda, puramente litteraria, que o «Cardeal Diabo» ha de impugnar no seu libello, protestando contra a inscri-

pção do nosso grosseiro Du Guesclin no canon da Santa Egreja romana. Sua Eminencia terminará talvez por considerar o «Santo Condestabre» um *condottièri* na verdade famoso, provindo d'uma compromettedora ascendencia de degenerados, de criminosos e de arcebispos; epileptico elle proprio mas nem por isso menos illustre desde que se prova que os acontecimentos politicos utilisam os loucos; recolhido por ultimo a um claustro pobre quando a ruina das suas faculdades se accentua, —e tão legitimamente, ou antes tão illegitimamente canonisavel como qualquer outro mestre na arte suprema de matar e de triumphar, — Cesar ou Alexandre, Attila ou Nicéphoro Phocas, Carlos V ou o Principe Negro, Felisberto de Saboya ou Frederico da Prussia, o principe de Saxe ou Napoleão. Sobre o libello, que deve ser sem duvida violento, votarão tranquillamente, solémnemente, os consultores e se cardeaes das sagradas ceremonia, e Nun'Alvares, segundo o resultado d'essa votação, será ou não canonisado.

Entretanto, nós, com mais d'um seculo de antecedencia, pensando no que poderá ser, perante tres consistorios vermelhos e sumptuosos, esse julgamento d'um espectro, perguntamos recolhidamente comnosco proprios:

— Para quê, sujeitar uma figura gloriosa da nossa historia á certeza de tantas favas pretas quantos serão, d'aqui a cento e dez annos, os cardeaes do Sacro-Collegio?

JULIO DANTAS.

O estandarte de guerra de Nun'Alvares

Tumulo de D. Nun'Alvares Pereira—Fac Simile em madeira, existente no Museu Archeologico do Carmo

PALACIOS CASTELLOS E SOLARES DE PORTUGAL

IV — A CASA DE SUB-RIPAS

Ao abrir do seculo XVI vivia em Coimbra um licenciado, de nome João Vaz, casado com Bertholeza Cabral (?) e possuidor d'uns pardieiros na rua de Sub-Ripas—então de *Sobre-a-riba* ou *Sobre-a-ripa.*

Esta rua—que sobe da de Quebra-Costas para o Collegio Novo, em linha sudeste-sul-norte — é ladeada: á esquerda-poente, por uma fileira de casas pequenas; á direita, e a partir talvez do seu terço inferior, por um muro fechado. Quem a venha seguindo de baixo irá dar com o cunhal d'uma casa antiga, que faz recanto da esquerda, em frente do muro, quebrando este tambem n'essa altura, para a direita, a dar á rua estreita a folga recuada de quasi mais tres metros. Chegados aqui, ao fundo do pequeno largo assim formado, teremos em frente, a norte, um arco sob o qual a rua continúa, enladeirando então para o Collegio Novo e, corrida por cima do arco, de poente a nascente, mas prolongada n'este sentido, a fachada d'uma casa de dois andares. Fechando a direita do largo, perpendicularmente a esta casa, fica um muro onde abre o portão brazonado do seu pateo de entrada. Finalmente: a poente, em

Torre do «Prior do Ameal» ou «Torre d'Anto»

Arco de passagem das casas de Sub-Ripas

Janella da fachada solre a rua, 1.º andar

...nella para os lados de traz, sobre a vertente, junto ao terraço

face do portão, veremos a verdadeira casa chamada de *Sub-Ripas*, cujo cunhal avistámos primeiro.

Os pardieiros de João Vaz deviam ter occupado o local da actual casa do arco e do pateo correspondente; e communicariam talvez, pela barreira, com outras casas ou dependencias já da rua chamada hoje dos Continhos, na encosta a cavalleiro da rua de Sub-Ripas.

Por volta de 1514 o que havia em face d'esses pardieiros era apenas um lanço de muralha e uma torre, que faziam parte da cintura da cidade—devendo a torre ser egual ou semelhante áquella que ainda existe para cima, a norte, conhecida na antiga tradição por torre do *Prior do Ameal*, e ha poucos annos por *Torre d'Anto*, desde que a habitou o poeta do *Só*.

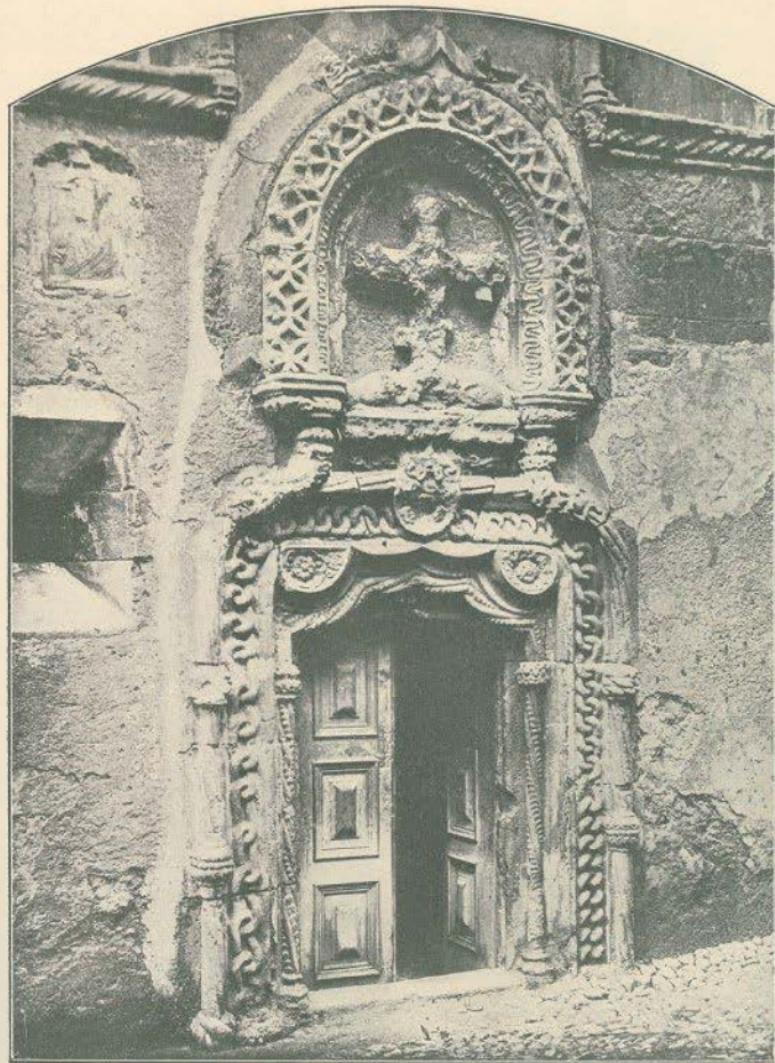
A muralha e a torre de *Sobre-a-ripa* estariam em ruina; pe'o menos estavam abandonadas como defeza do burgo, por correrem tempos mais mimosos de remanso; nem tambem dariam já sufficiente escudo á barreira da cidade, com as novas armas de investida e cêrco...

Janella d'uma fachada sobre a vertente da cidade

Querendo possuir as duas bandas da rua, e tentado de certo pela doce e amoravel vista de casaria e campo alcançada de sobre a escarpa, logrou João Vaz obter aquelle lanço de muralha com a torre, não alargando a propriedade para sul e sudoeste, talvez porque d'esta extrema ella já fosse bater nas casas do sr. D. Filippe—personagem tão respeitosamente citado nos documentos da epoca como mysteriosamente sumido, para nós, na indicação vaga d'esse nome proprio. Nem consegui vêr vestigios das suas casas.

Que, do licenciado, tambem nada mais se sabe, até hoje, além das indicações dadas acima.

É d'aquelle anno de 1514 o contracto de doação pelo qual um sapateiro chamado Bastião Gonçalves, sua mulher Catharina Annes e sua mãe

Catharina Fernandes cederam o direito de aforamento do lanço e da torre ao licenciado João Vaz. Consta d'um documento ou instrumento de pergaminho, [1] lavrado pelo tabellião Gregorio Lourenço e apresentado na camara de Coimbra e juntamente a licença necessaria para construir um balcão ou passadiço que, atravessando a rua, pudesse ligar-lhe d'um lado para outro os seus antigos pardieiros e a porção da muralha novamente adquirida.

Entrada da casa de Sub-ripas: fachada da rua

em 26 de julho d'esse anno, sendo escrivão da mesma camara o morador Inofre da Ponte. Requereu logo João Vaz a ratificação do contracto,

Obteve a ratificação e a nova licença alguns dias depois—ficando assim, desde o verão de 1514, na posse do terreno onde foi levantada a morada conhecida hoje por *Casa de Sub-Ripas.*

Não se póde indicar a data precisa da construcção. Devia ter sido edificada no reinado de D. Ma-

[1] Pertence ao archivo dos Perestrellos, cujo brazão corôa o portão a direita do largo.

A casa de Sub-Ripas vista de sudoeste — O terraço

nuel, entre 1514 e 1521—pelo menos grande parte d'ella. Ignora-se o nome do architecto.

O corpo principal occupa uma superficie trapezoidal, d'uns cento e sessenta metros quadrados, approximadamente, e cuja maior extensão corre quasi na linha de nascente a poente, da rua para a escarpa da cidade. Sobre a rua, a casa apruma n'uma fachada unida, de dois andares, da qual apenas se desalinha, na extrema inferior, o pequeno corpo que faz recanto com o cunhal. D'este cunhal até á extrema superior, junto ao arco que atravessa a rua—o passadiço de João Vaz—a fachada mede pouco mais de dez metros, devendo ter de altura a prumo uns onze metros.

Dá-nos uma impressão de solidez massiça, de densa resistencia, mais do que de elegancia nobre ou de ousadia constructiva, embora a differente composição da parede logo fizesse distinguir, antes de modernos revestimentos a deplorar, a fabrica dos seus dois andares.

Ha n'ella um absoluto predominio da parte cheia, como a accusar e a manter a reminiscencia dos muros e defezas cerradas. Nada até parece haver que admirar de proporções combinadas ou de equilibradoras compensações n'essa massa rectangular—tanto ella, de plena e socada, se firma e assenta por si, como um bloco inteiriço. É esta, na verdade, a primeira impressão. E no emtanto é casa bem curiosa, exactamente por nos offerecer um exemplar de construcção que allia ao aspecto solido da sua architectura, ainda no molde de tempos crús, a preoccupação e disvelo d'uma arte já flexuosa, viva, liberta, derivada d'outras formas e desviada de primitivos intuitos, mas apropriada agora á decoração de moradas abertamente hospitaleiras, alegradas de graça expansiva, revelando corresponderem ao resfôlego d'uma existencia social tornada mais despreoccupada e leve.

Todas as aberturas ornamentadas revelam aqui a influencia *manoelina*, com mais ou menos abundancia.

Não é talvez do mais delgado e nervoso, nem do mais originalmente suggestivo, nem do mais elasticamente rico o desenho das guarnições e lavrados que as decoram, cortados na mesma pedra de Bordalo, empregada em quasi toda a construcção.

Mas a combinada accumulação e reforço de ornatos, como no portal, por exemplo, e a expressão confiada dos córtes e relevos imprimem a tudo um quê de sympathia communicativa, de vigor cordial, com todo o caracter das coisas feitas quando as proprias formulas seguidas continham e exhalavam ainda penetrante calor de vida.

Na entrada, hoje bastante prejudicada pelo leito erguido da rua, teremos de considerar duas partes: a porta, propriamente, e o corpo que a encima.

Esta porta apresenta-nos, talvez, nas molduras e na verga, uma modificação do arco de *sarapanel*, fórmula adoptada pelo estylo *manoelino*, assim como a volta inteira e tantas outras.

O corpo que corôa a porta, representa uma es-

A casa de Sub-ripas:—A torre, que, de certos pontos, parece a parte central do edificio

pecie de retabulo, cuja moldura apresenta a fórma d'um arco alteado.

Do fundo d'este retábulo resalta em pleno relevo uma cruz de troncos, tão comida já, que se torna impossivel decifrar-lhe qualquer intenção emblematica. Assenta o retabulo, propriamente, n'uma longa misula lavrada de folhagens, d'onde prende, para fixar-se tambem no alto da porta, um pequeno escúdo, hoje quasi gasto, que talvez tivesse representado as *chagas*, envolvidas em flôres.

De toda a frontaria, é a entrada a peça mais importante. Liga-se pelo estylo com as janellas, como disse, aparentando especialmente com as do primeiro andar. O proprio remate *acoguilhado* do arco e do seu retabulo a relaciona logo com todas estas. Abrindo arcos *conopiaes*, munidas de painel, realçadas de cordões, ou guarnecidas de columnelos, de variada base e molde, vegetalisadas de *cogulhos* pelo extradorso e fecho das curvas, floridas de rosinhas ou relevadas de folhas e fructos ao longo dos intradorsos, golpeadas de lavores torçalados ou trabalhadas de foliado nos sub-rebordos dos parapeitos — as janellas da frente, umas por outras, revelam-nos, como a porta, nas linhas de córte, nas molduragens, nos motivos de decoração — alguma coisa da caprichosa liberdade d'esse estylo que, não sendo original de raiz, representando antes um compromisso de formas tradicionaes e de symbolisações recentes da epoca, prestando-se, por vezes, a manifestações de intemperante inventiva — representou, comtudo, larga concessão á mais opulenta phantasia artistica, ficando, além d'isto, a valer para nós como documento, como associado traço de consoladora evocação historica. Mas toda a casa, além d'esta fachada da frente, o revela sob variadas formas nos seus vãos e rasgaduras: nas janellas dos corpos voltados para a escarpa — embora algumas o accusem sómente na curva e no golpe das vergas, nos córtes do apparelhamento —; e ainda em portas antigas do interior, e nos muitos *cachôrros*, florões, medalhões e escudos encontrados por dentro e por fóra do edificio.

A casa de Sub-ripas, vista do norte: — Torre e manga de communicação com a «Torre do Prior do Ameal»

Quem vir apenas a fachada unida sobre a rua, mal suspeitará que a *Casa de Sub-ripas* forma, no seu exterior mesmo, um conjuncto curiosamente irregular, como se póde reconhecer observando-a do poente, do norte, ou d'algum ponto sobredominante da cidade, d'onde então os multiplos telhados da casa, telhados de quatro aguas, nos dão logo a idéa de corpos diversos ligados n'uma só construcção.

E' que, além da parte recuada junto ao cunhal da rua, outras se destacam do corpo principal.

Prolongando este, avança sobre a escarpa, entre sudoeste e poente, um corpo em forma de terraço — livre e aberto ao rez do primeiro pavimento, mas cobrindo uma curta galeria, fendida de janellas que medem para baixo uma altura de andar. D'esta galeria devia ter havido qualquer descida interior para a faixa dos quintaes — chão da antiga barbacã.

Fazendo angulo com o mesmo corpo central, a olhar entre noroeste e norte, destaca-se outra massa em forma de torre, (¹) cujo resalto mede a sua menor extensão de curto rectangulo. Mas com esta torre liga ainda, para norte, por detraz d'um pequeno terraço triangular, hoje desfigurado em cubiculo, uma estreita manga de construcção. Era esta — ao nivel do primeiro pavimento, a passagem para a antiga cortina de communicação com a *Torre do Prior do Ameal* — no pavimento superior — um miradoiro coberto de telhado, a dominar, como toda a casa, a baixa da cidade, antigo arrabalde, e o valle doce do Mondego.

Ha, pois, além do corpo central, mais uns quatro.

E todo esse encontrado jogo de cobertos e de faces, todos esses angulos vivos e arestas livres de paredes aprumando fortes imprimem, na verdade, á velha morada, vista d'essas bandas da barreira, uma feição original, vigorosamente pittoresca, de casa acastellada — feição ainda accentuada pela grande altura a que, para este lado, o edificio inteiro se levanta.

O corpo principal, cujo centro corresponderá ao meio da fachada da rua, está erguido, assim como o terraço que se lhe segue a sudoeste, sobre a grossa alvenaria da primitiva muralha da cidade. É na face que, sobre a vertente, forma angulo com a torre, e na que liga ao terraço, que se vêem as melhores janellas d'este lado da casa. São emmolduradas de cordões torcidos arqueando em *conopial*, a rematarem no fecho por cogulhos, estróbilos enfolhados e bustos.

Tambem assentou sobre a antiga muralha, no extremo norte, a manga de communicação a que já me referi.

(¹) Chamar lhe-hei sempre *torre*, para não haver confusões, designarei por *Torre do Prior do Ameal* a que fica situada distante, a norte da casa.

Casa do Arco (a Sub ripas — A cisterna do pateo

Casa de Sub ripas — Passagem interior da manga do norte

A torre, que a principio me occorreu identificar com a primitiva, deve estar edificada sobre os seus alicerces.

E quando avistada de poente, a dominar a escarpa, ella é que parece a parte central de todo o edificio, o tronco d'onde bracejam, a um lado o terraço livre, a outro a manga do norte. Vista d'este lado, então, avança ainda, de aresta viva, a impôr-se n'uma dureza altiva de quina de menagem, sob o elmo escuro do seu telhado amouriscado.

Construida toda de cantaria, ainda d'ahi reforça aos nossos olhos a impressão de solidez massiça entre os outros corpos, em que, d'esta banda da escarpa, predominam a alvenaria argamassada e os pannos de tijolo e cal.

A janella saliente, de beiral livre, suspensa sobre grossos cachôrros golpeados, a lembrarem *machicoulis* medievaes, acaba de dar-lhe, com a sua côr sombria, loiro-brôa, um ar brusco e caprichoso, de individualidade anachronicamente esquiva.

Casa do Arco (a Sub ripas — Muro brazonado do pateo de entrada

E sente-se que o seu aspecto, como o de todas estas fachadas da casa, quasi briga com o typo e côrte das janellas lavradas, já da sazão da nossa Renascença; pois aquellas massas, de fortaleza, ainda parecem resistir, teimar no passado, affirmar tradição de vida pre-quinhentista.

Em mais d'um ponto exterior da casa encontraremos detalhes suggestivos; aqui — um alegrete saliente, sustentado em *cachôrros* de pedra; logo perto, um pilar de argamassa a dissimular um recanto baixo, e que dava pé a um vaso de craveiros; além, uma folha lavrada anima qualquer quebra de aresta; d'este lado, um escudo de Christo corta a linha monotona de um cunhal: tudo a revelar ainda a livre e tocante collaboração de artistas obscuros,

e a manter a graça propria, individualizante, de todas as construcções das grandes epocas vivas!

Dentro — temos de o confessar — a casa não apresenta grande interesse. Exceptuando o tecto, certamente *manoelino*, da sala proxima ao terraço aberto, e a passagem interior da manga do norte — nada apparece digno de maior nota.

A casa de Sub-Ripas — A torre vista do poente

⁂

A casa do arco, que communicava por este com a de *Sub-Ripas*, deve ser um pouco mais moderna — talvez do tempo de D. João III. Interessante pelos paineis e aventaes das janellas — Renascença manoelina — só tem de notavel, afinal, o pequeno pateo a que dá entrada um portão ostentando o brazão dos Perestrellos, pedra evidentemente mais recente do que o resto. Esse páteo é, realmente, um dos mais curiosos cantos de Coimbra.

Entrando o portão, veremos á esquerda uma cisterna de janella, coberta de alpendre avançado em arco, que logo nos prende os olhos, como tudo quanto representa uma adaptação feliz de utilidade e de arte.

É sem duvida a cisterna o que ali ha de mais interessante.

Mas por quasi todos os lados do páteo veremos medalhões embutidos nas paredes — prejudicadas, como a da fachada *manoelina*, pela obra recente de rebôcos menos felizes.

A profusão d'esses medalhões, dentro e fóra do páteo, por varios pontos sobretudo da casa do arco; a grande diversidade d'elles, tanto nos motivos como na execução — pois os ha dos mais absurdos e dos mais tôscos entre outros já de melhor córte e garbo —; finalmente, o proprio capricho e arbitrariedade da sua insignificativa distribuição e collocação — por muito tempo intrigáram os que attentavam n'esse conjuncto, tão curioso, das casas de Sub-ripas, entre si ligadas pelo arco — passadiço de João Vaz. E tentavam explicar.

No emtanto, de todas as explicações e alvitres — é a hypothese apresentada pelo meu amigo Antonio Augusto Gonçalves a que me parece admissivel.

Ao tempo da construcção d'uma e d'outra casa, era terreiro livre grande parte do chão onde mais tarde, em 1593, foi edificado o actual Collegio-Novo, o collegio da *Sapientia* — pertencente aos cruzios.

N'esse terreiro tinha o architecto João de Rouen, ou de Ruão, um telheiro de trabalho, onde se amestravam lavrantes e esculptores — seus discipulos e seus operarios. Á falta de logar onde expuzessem e guardassem os seus ensaios e provas — os novos artistas vinham pregál-os nas paredes das casas em construcção, dando assim a estas um aspecto vivamente pittoresco no gosto da epoca, embora esses detalhes decorativos não fossem coisas de real valor.

⁂

Serão as construcções de Sub-ripas, e em especial a casa *manoelina* de geito a poderem soffrer comparação com vivendas senhoriaes e com edificações de purissima arte tão numerosas lá fóra, como na Italia e na França?

Certamente que não. Simples vivendas particulares, devidas ao caprichoso bom gosto d'um licenciado rico ou do architecto por elle chamado, não excedem, em proporções e detalhes, algumas outras moradas da epoca, mesmo em Portugal.

Comtudo, a sua excepcional situação, o relevo e caracter do seu conjuncto, o desvelo d'arte — hoje tão apagado, ou tão postiço — que nos revelam ainda, e a raridade do genero n'este paiz de extremos — miseravel ou sumptuoso — dão-lhe direito á nossa enternecida contemplação, e teriam justificado amplamente a sua acquisição pelo Estado.

⁂

Ácerca da Casa de *Sub-ripas* ainda ha poucos annos alguns caturras teimavam a favor da lenda que puzera dentro das suas paredes a tragedia de D. Maria Telles — morta ás mãos do marido por intrigas da irmã rainha.

Isto, apezar de tal invenção estar claramente destruida desde 1871, com a publicação ou approximação de certas datas historicas e documentos. (¹) Nem mesmo valeria a pena discutir o caso, se não estivessemos n'um paiz onde quasi toda a gente prefere seguir e repetir o que ouve a investigar e a reflectir por conta propria.

Assim, sempre enfileiro aqui os argumentos que minaram a ingenua invenção.

Em primeiro logar: da leitura da passagem de Fernão Lopes, (²) invocada como fundamento da

(¹) Entre outros, podem vêr-se os artigos e cartas publicadas nos n.os 2526, 2527 e 2530 do *Conimbricense* d'aquelle anno, por J. Martins de Carvalho, Miguel Osorio, Senhor das Lagrimas, e Dr. Filippe Simões.

(²) Chronica de El-rei D. Fernando — Tomo IV da collecção de livros ineditos de historia portugueza.... pag. 350 a 354.

lenda—infere-se exactamente o contrario do que queriam aquelles caturras; pois o pae da nossa historia muito positivamente indica como theatro da tragedia uma casa proxima á egreja de S. Bartholomeu—egreja situada no mesmo local onde existe a actual, construida em 1756. Pertencia essa casa a um homem nobre, de nome Alvaro Fernandes de Carvalho.

—Depois: seguindo Fernão Lopes, tambem Frei Manuel dos Santos na «Monarchia Lusitana» refere o facto como passado na freguezia ou arrabalde de S. Bartholomeu.

—Ha mais: porque é que Antonio Coelho Gasco—escriptor do seculo XVII, auctor da *Conquista, antiguidade e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra*—nada menciona do facto? Certamente por estarem já no seu tempo arrazadas ou irreconheciveis as casas de Alvaro de Carvalho. Mas se a tragedia se tivesse dado na *Casa de Sub-ripas* elle ahi tinha o theatro do crime—e não passaria em silencio tão importante acontecimento.

—Ainda: nos pergaminhos e papeis do archivo dos Perestrellos—proprietarios historicos das casas de *Sub-ripas* até ha poucos annos—nada appareceu, entre documentos referentes a estas casas, que désse o caso como acontecido nas suas moradas.

Não faço, n'esta altura, pezar a circumstancia de vêr dado como acontecido n'uma casa quinhentista um facto pertencente ao seculo XIV; pois os defensores da lenda explicavam: que a casa existente fôra levantada sobre as ruinas da casa ou torre do crime. Mas a isto responde-se: no seculo XVI, mercê de vida nacional mais pacifica e das novas condições da cidade, já podiam ser abandonadas partes da muralhas com as torres—como de resto o prova o documento da doação a João Vaz; emquanto que nos tempos precarios—tão abrolhados de perigos e surprezas—do reinado de D. Fernando I não podia estar ainda desprezada a muralha de Coimbra, e convertidas as suas torres de vigia em aposentadorias de princezas.

Este argumento de boa razão fortalece os que nos fornecem os documentos.

Para mais—a lenda é de origem relativamente recente, e nenhum dos escriptores que a adoptaram o fez como historiador. Sorria-lhes á phantasia.

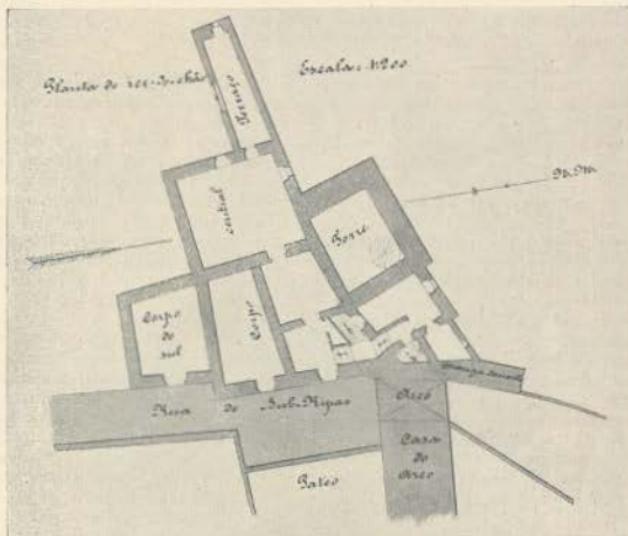
Mas não ha remedio senão passar sem ella.

O interesse que nos merece a Casa de *Sub-ripas* em nada diminuirá, de resto, por termos afugentado dos seus desvãos e terraços o phantasma da linda e branca Maria Telles, immolada a golpes de *bulhão*, pelo filho da outra *misera e mesquinha*, n'uma madrugada de novembro de 1379.

Coimbra, 25 de março de 1906.

MANUEL DA SILVA GAYO

Planta da casa de Sub-Ripas

A vida dos "marinheiros" do Rio Douro

....Tambem em fragil batel ninguem m'ouse navegar,
Se não quer que o cuspa ás nuvens, que o vá no abysmo tragar.

Venha só beirão ousado,
Ou transmontano esforçado,
Ou duro «arraes» tisnado
D'esta margem ou d'aquella

Eu quero um barco grosseiro,
Quero um rijo «marinheiro»
Em vez de leme um madeiro,
Um madeiro secular!....

....

(Da poesia —«O Douro»— de José de Serpa Pimentel (Visconde de Gouveia).

A igualar quasi a energia cyclopica dos viticultores que, apegados á terra ingrata, muito conseguiram repovoar de vinha nos montes elevados e alpestres que entre si abrem o valle onde tumultua o rio Douro—é titanico o esforço dos «marinheiros» que navegam as suas aguas fragorosas, tôrvas e lentas a demandarem, no seu leito profundo, os beijos do mar por fim!

Vida rude, vida heroica e feita de canceiras, o perigo a todo o momento a chamal-os do fundo do rio como um genio mau, tudo arrostam, persistentes e afincados: ora as grandes cheias que, vindas de Hespanha, com bramidos estrondosos, derrubam arvores, arrancam vinha, semeando desolações—ora as inclemencias do sol argelino que, no verão, tisna e asphyxia como um brazido enorme em crepitações reverberantes de vivas tremulinas.

Desde a fronteiriça Barca d'Alva, na raia, onde tem esplendida quinta *Guerra Junqueiro*, o mais notavel e glorioso dos poetas portuguezes, o rio vae fugindo na direcção E. O. até á Foz n'um longo, tortuoso e accidentado valle de 40 leguas que só o «barco rabello» sobe e desce, fugindo aqui d'uma apertada «galeira», além libertando-se d'um perigoso «cachão», devido á pericia do «mestre» ou muitas vezes do «arraes», dono do barco, que, consummado piloto, com os ajudantes das «apégadas» dirige a manobra, segurando por meio de cordas nas mãos a «espadella».

O «barco rabello» é talvez a ultima reliquia das primeiras embarcações peninsulares e, pelo seu todo caracteristico, pelo seu aspecto nunca modificado, é porventura ainda o mesmo que os Phenicios construiram quando, nos tempos lendarios da Historia Antiga, demandaram as costas lusitanicas e ganharam os rios. O celebre historiador romano Strabão refere-se aos «barcos rabellos».

«Barco Rabello» subindo o rio em frente a Avintes

Nenhum outro barco póde navegar o Douro e, se ás vezes, nas «barcas de passagem», o typo fundamental soffre modificações, quer sejam guiadas pelas fortes moçoilas d'Avintes, nos arredores do Porto, ou ligueir, em Cima Douro, a Beira esforçada a Traz-os-Montes energico—a sua configuração não muda, é a mesma, só adaptada a outro fim.

Minguado no verão o Douro que navegam, no inverno parece um mar; e é por isso que se chamam «marinheiros» aos tripulantes dos «barcos rabellos», reservando o nome de «barqueiros» para os das «barcas» que transportam os passageiros d'áquem p'ra além Douro.

A configuração unica do «barco rabello» tão grande, semelhando uma nau, que ás vezes chega a carregar 80 a 100 pipas, é ca-

racterisada pela «espadella», comprido leme ou «rabo» d'onde tiram o nome e que por vezes tem mais de 10 metros. Move-a o «mestre» ou mesmo até o «arraes» que vae nas «apégadas», especie de andaime superior ao «sagre» que é o verdadeiro cavername e o qual termina, na ré, pelo «taburno» coberto onde são guardados os mantimentos. Porém, o que torna mais elegante e mais typico o «barco rabello» é a sua enorme vela enfanada, semelhando um «papagaio» colossal, que a rude brisa do rio entumesce, fazendo singrar o barco altivamente sobre o talweg, rapido e enrugado, que foge por entre a penedia informe e polida até á barra.

«Barco Rabello» subindo o Douro, em frente á Ponte do «Porto Manso»

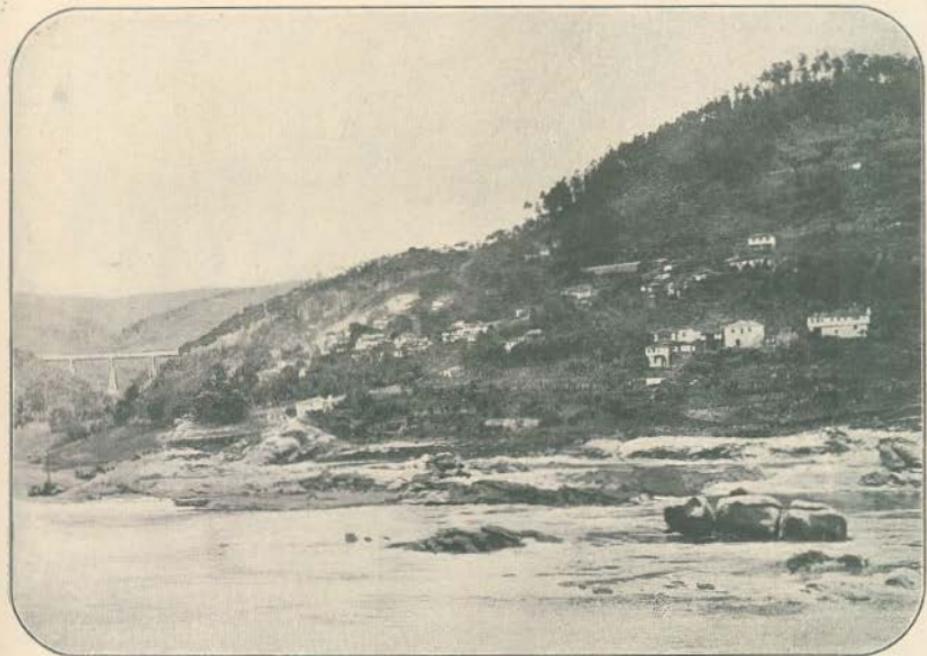
É magestoso então o «barco rabello» com a sua «maruja» de camisolas brancas, fazendo as manobras, «braceando» a vela ás ordens do «immediato», ao som de cantigas alegres e ao deixar o Porto trabalhador, heroico, levando pipas vasias «rio acima», para depois as trazer na volta cheias do mais generoso vinho do mundo!

«Barca de passagem» atravessando o rio á vara nas «Caldas do Moledo»

Mas, que longa e interminavel canceira não é a da «companha», quando o vento amaina e no rio surge um d'esses innumeros «pontos» difficeis e cheios de perigos que o barco tem de subir: o «Cadão», o da «Figueira Velha», o de «Lobozim», o da «Cachucha» e tantos outros!

O barco, chegando ao «ponto», com auxilio da «maruja» que saltou fóra e vae «alando» pela quasi intransitavel ribanceira da margem, monta pelo lado mais favoravel da «galeira» até chegar ao «cachão» formado pela queda do rio. Ahi amarra. Os «marinheiros» tomam os fardos mais pesados ás costas e levam-nos até ao «poço» superior ao ponto. O barco fica, quando é possivel, quasi em vasio até ao «sagre». Solta-se de bordo para terra um cabo que vae prender-se á roda de um penedo e d'ahi vem passar por uma roldana pendente da prôa, indo a outra extremidade atar-se ao «jugo» ou «canga» d'uma junta de bois que pela margem agreste vae puxando. Mas ás vezes é tão grande a resistencia da corrente que, ou os cabos estalam, ou os proprios boieiros os cortam, porque o barco leva de rojo os possantes animaes.

A subida do rio leva muitos dias e ás vezes semanas: é conforme as aguas. Quando a noite chega e as estrellas vivas se reflectem no rio ou quando a lua argentina se espelha no humido elemento, os «marinheiros», muito austeros nos seus deveres religiosos e tanto que tiram os chapeus ou barretes a todas as imagens expostas á adoração dos navegantes a grandes alturas das rochas marginaes—á hora da ceia, silenciosos e recolhidos, em volta da «pá» que lhes serve de prato, dão graças a Deus e quando os echos lhes trazem o melanco-

«Barcos rabellos» atracando ao caes dos Guindaes no Porto

O rio Douro em frente a «Porto-Manzo»
(Barcos rabellos varad s na praia)

lico signal das Ave-Marias d'algum campanario rustico, rezam em voz humilde a oração da noite.

Se o rio vae de monte a monte e n'elle se não póde navegar; quando o inverno é muito e os «marinheiros» estão a ganhar a vida — prendem então o barco com muitas amarras na primeira enseada propicia que as rochas, ora graniticas, ora schistosas, recortam e ficam assim abrigados da furia desordenada da torrente. Os «marinheiros» então bivacam na praia e, se a occasião é boa, entreteem-se a lançar a «chumbeira» n'algum poço onde a corrente é morta, a vêr se cahem algumas bogas, escálos ou barbos de que as aguas são ferteis e de que fazem caldeirada; ou então, com linhas cheias d'anzoes, espreitam a picada das mugens ou das enguias de que são

«Barco rabello» subindo o Douro com pipas vazias

celebres os «escabeches» «d'Entre-amblos-Rios»! Mas no rio Douro, que tira este nome de areias d'oiro que em tempos antigos n'elle se diz existiram, além da lampreia saborosa e do appetitoso savel que se pescam ao «candeio» — vive o sôlho que chega a medir 12 palmos de comprido

Marinheiros carregando pipas de vinho no «barco rabello»

e que se caça ao «arpão». É, porém, só nos «póços» mais fundos do Cima-Douro onde se encontra, lá para perto do celebre «Cachão da Valleira», catarata difficil que só depois de ter desafiado muitos seculos pôde ser vencida pela mão do homem, no tempo de D. Maria I (1792). Ainda assim depois de ser aberta, quando o rio vae alto é intransitavel.

Attingindo o barco o seu destino, muitas vezes á custa de remos e puxado á «sirga» pelos «marinheiros», ou seja em Riba-Corgo ou Baixo-Corgo, vae um da companha participar a chegada ao lavrador ou ao commissario de vinhos. Pelos ingremes caminhos rusticos, verdadeiros «gor-

rêtas», descem até ao caes carros de bois a carregarem pipas vasias, que voltam a trazer cheias das adegas.

Interessante e digna d'estudo tambem a vida trabalhosa dos carreiros do Douro!

Reboladas as pipas, cheias do mais afamado e precioso dos vinhos, sobre as pranchas, para o barco, pela «maruja» ás ordens do «feitor»—eil-o ahi vae, rio-abaixo, ao sabor da corrente, emquanto os «marinheiros» cantam e riem, conversando uns com os outros por meio de cantigas em que o verso é incorrecto e o estylo monotono, mas tão cadenciado e harmonico como o bater das «pás» abrindo em laivos crystalinos a agua profunda!

A paizagem é por vezes d'uma austeridade dantesca! No fundo das ladeiras, nas quaes novamente se vae alastrando a vinha, debruçando-se viçosa dos socalcos que se elevam ás alturas e onde poisam casas de quinta alvas de neve—as rochas, os fraguedos nús e ennegrecidos inspiram por vezes pavor!

As margens só se abrem no Pocinho, largo, de dilatado horisonte com o «Eden» da Villariça; um pouco no Pinhão, o coração da «Terra do Vinho» e então na Regua formosa com o seu esplendido Valle de Jogueiros; no resto do seu leito torcicolado são asperas e apertadas ravinas, d'um pendor grandioso onde reinou em tempos só a vinha e que em parte olham o ceu azul levantando-lhe os braços hirtos das urzes que a custo, como uma mortalha, sahem da terra devastada e moribunda!

Chega a parecer maravilha lembrar que todos esses altares agora em ruina foram ridentes e fossem homens que uma tal proeza fizessem!

É que nos viticultores do Douro, afflictos, e quasi sem esperança n'este momento, por uma crise mais profunda que a do phylloxera, ha a mesma tenacidade dos «marinheiros» que ha quatro seculos transportam para o Porto os mais maravilhosos vinhos do universo,

«Barca de passagem» atracando á margem nas «Caldas do Moledo»

transpondo «rapidos» de navegação arriscada e não abandonando a profissão de seus paes em que nasceram... É que elles, os «marinheiros», de pelle tostada e musculos d'aço, teem um tal amor ao seu barco que por nada o deixam o dão-se por contentes que a Senhora da Boa-Viagem ou a Senhora de Cardia os leve a salvamento. Nem temem o perigo dos naufragios frequentes onde teem gratificação se são pipas a «tomadia».

«A maruja» mal repára no panorama variado do rio que assim como o raio parece buscar os obstaculos cada vez mais fortes.

Além do vinho, que exportado toma o nome de Porto, e das uvas, verdadeiros favos

«Barco Rabello» subindo rio Douro

de assucar, nos «barcos rabellos» veem até ao burgo que deu nome á nossa patria os saborosos melões e as frescas melancias da Villariça, as conhecidas amendoas de Moncorvo, as deliciosas laranjas de S. Mamede de Riba Tua, os figos de Cheires, as saborosas peras e cerejas da Penajoia e todos os mais bellos productos do Douro!

Mas o rio, que umas vezes se parece com um cordeiro, outras tem as furias do leão, vae deixando o «Paiz do Vinho» que desde a Barca d'Alva se estende até Barqueiros em comprimento e onde já a vinha se enrosca amorosamente nas arvores com todo o feitio minhoto.

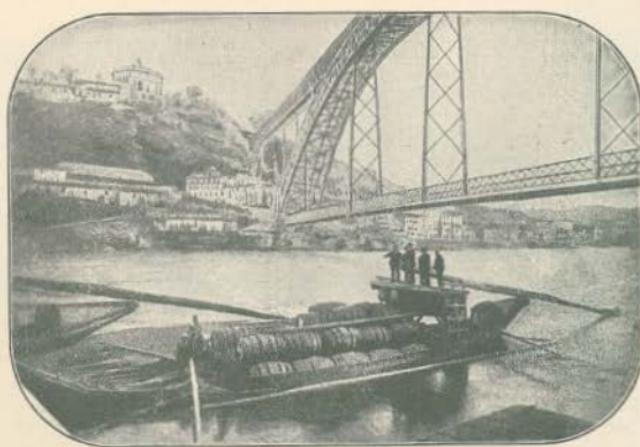
Nos «barcos rabellos» ao passar nas graniticas «galeiras» do «Escarnicha» que, como outras columnas de Hercules, defendem a infortunada «Terra do Vinho»— eis que das «apegádas» grita o mestre»:

—Bota fóra o Frade!

E n'isto o moço do barco empunha a «trombeta» e d'ella tira sons que levados de ribanceira em ribanceira vão ao longe echoar...

Por detraz da montanha, na margem esquerda, em logares populosos antigamente, vivem quasi em alfobre as familias da «maruja» do Douro.

Ao ouvirem esse signal, as familias dos «marinheiros» ausentes vão postar-se á espreita e mal hão reconhecido os seus, eis que por atalhos, verdadeiros carreiros de cabras, descem até ao rio e os «marinheiros» do barco deixam de remar no «pégo» e atracam na praia.

E é do abraço dos velhos paes já decrepitos, das mulheres que os filhos trazem ao cóllo ou das namoradas que ficam chorosas com os lenços a acenar, que os «marinheiros» tiram a energia e arranjam tambem a fé para luctarem.

«Barco rabello» carregado de pipas, atracando ao caes da Carvoeira, no Porto

O golpe de misericordia ha muito que os quasi matou: desde que o silvo da locomotiva despertou este paiz assignalado, esta privilegiada zona do «Vinho do Porto», que é tanto mais fino quanto melhor ouve «ranger a espadella».

Os «marinheiros» desafiam com o punho cerrado o comboio que passa veloz contornando os montes em curvaturas do seu caminho d'aço; para se vingarem d'elle que os lesou profundamente, fazem jura cumprida de nunca embarcarem n'esse engenho que traz o «demonio dentro». Agarrados ao seu officio, n'uma criminosa indifferença a tudo o que não seja o seu «barquinho», são exemplo firme de tenacidade, heroicos no seu labutar constante, apaixonados, vivos, crendeiros e fieis!

E foi com homens d'esta tempera, cheios de caracter, inflexiveis e rudes, que Portugal foi grande!

Cheires (Alto-Douro) 7—3.º—1906.

AMILCAR DE SOUSA.

«Barco rabello» a subir o Douro em frente ao Porto

O desembarque d'um paquete da America

O VELHO JARDIM Á BEIRA-MAR ◉ O DICTADOR CATRAEIRO ◉ A CHEGADA DO «CHILI» ◉ O NOVO POSTO DE DESINFECÇÃO.

Lisboa caes da Europa! Quem tal diria?! Ainda ha pouco lhe chamavam jardim d'essa mesma Europa á beira-mar plantado! O novo titulo da cidade deve ter nascido da veia pratica d'algum commerciante e deve ter sido calcado, com essa subtileza e com essa argucia do moderno homem de negocios, sobre a phrase sonora e feliz que um grande escriptor achou para baptisar a Lisboa do sol de oiro e das flôres nas varandas, a Lisboa verdejante e melancolica d'esse tempo.

Mas quando toda essa poesia nos embalava, os que nos visitavam espavoriam. Se ainda fosse assim, aquelles passageiros do *Chili*, que viamos fundeado em frente de Belem, primeiro que podessem aspirar o perfume dos roseiraes sangrentos das collinas n'esse jardim da beira-mar, passariam mais trabalhos do que um rico para penetrar no céu—bem entendido, na epoca em que não havia empenhos para S. Pedro.

N'aquelle tempo do Lazareto da Outra Banda e da phrase doce e cantante que designava a cidade, aquelles pobres passageiros, após os incommodos da viagem, quando esperavam repousar n'um hotel, ouvir sob as suas janellas o rumorejar da Lisboa almejada, olhar do alto os montes fronteiriços e o rio largo e azul, viam apenas, após as demoradas praxes do Lazareto, as collinas esfumaçadas da capital, adivinhavam vagamente o jardim tão poetisado, e em baixo, a seus pés, na base do casarão isolado, com o seu ar de convento, sobre a areia lisa, uns homens de andadura bamboleante, vestidos com camisolas de castorina, as mangas arregaçadas, o cachimbo entre os dentes e os braços cabelludos, que os olhavam como malaios diante de naufragos arrojados a um sitio escuso.

Eram os catraeiros!

Aquellas lindas mulheres argentinas e brazileiras, que chegavam com as suas pelliças e com os seus saquinhos de mão, espartilhadas em corpetes ducaes, aquelles homnes de *bonnets* de viagem, distinctos e sadios, os inglezes que os negocios ou o *spleen* obrigavam a deixar a leitura do *Times* e o *beef* londrino e o canto do seu lar para irem correr mundo, toda uma multidão que chegava de diversos pontos do sul com as suas malas e com os seus desejos de socego, toda essa gente, anciosa, julgava-se decerto n'alguma ilha desconhecida em face d'aquella malta que berrava formidavelmente as suas deliberações dictatoriaes:

— Para Lisboa? Sim senhor... Duas libras cada pessoa! Duas libras! O que, só uma?! Uma?! Ora e sujeito... E vem isto do Brazil...

O Brazil era para o catraeiro a imagem seductora, o solo onde se dava pontapés nas patacas, e o Tejo, para o viajante que o quizesse atravessar na *Flor do Dáfundo* ou no *Bella Elisa* fedorentas a peixe, devia ser o Pactolo do catraeiro, onde aquelles novos midas, chegados da America, midas modernos, teriam que mergulhar o seu dinheiro e algumas vezes o seu corpo.

Agora, diante d'aquelles vaporzinhos d'Al-

A sahida

fandega ligeiros e de metaes rebrilhantes ao bom sol da manhã e que viamos deslisar em direcção ao *Chili* acudia-nos a impressão da antiga praia da Outra Banda onde se aguardava a presa, de remos no ar, e abençoavamos, além d'aquella mancha á b. ira do Tejo tão azul n'essa hora, a idéa que transformara tudo aquillo.

tosas passavam e logo homens de bom aspecto, morenos, d'olhos negros, as barbas compridas, vestidos á ingleza, os seguiam com senhoras pelo braço; soldados de calças emballonadas, emagrecidos pelas febres das colonias francezas, marchavam de braços pendentes, e todos aquelles passageiros, os officiaes que vinham de Dakar, os ricos negociantes e os opulentos creadores de gado argentino, as lindas mulheres brazileiras e francezas, se encaminhavam para o interior do posto.

A caminho da casa das bagagens

Ao nosso lado explicava-nos um empregado:

— São os passageiros em transito, gente que vem de passagem e que d'aqui a duas ou tres horas embarca novamente...

Já estavam junto do *guichet*, na casa das bagagens, onde pagavam o preço do seu transporte a bordo do vapor d'Alfandega, que logo os conduziria pelos sete tostões estipulados para ambos os trajectos.

Ao longo do paredão, senhoras e homens aguardavam os passageiros. Havia um padre gordo que falava alto, senhoras empelliçadas que binoculavam o *Chili*, homens que faziam perguntas aos empregados do posto de desinfecção e gente do povo que se enfileirava silenciosa.

Passavam ruidosos os vagonetes para as bagagens, collocavam-se proximo do desembarcadoiro macas e cadeirinhas para alguem que viesse doente; no posto da Alfandega os empregados aguardavam os passageiros e no emtanto o vapor que conduzia a gente em transito do *Chili* aproava á ordem do sargento de marinha collocado pelo arsenal n'aquelle serviço.

De pé na tolda appareciam figuras pallidas d'argentinas, havia alarmes de chapeus de senhoras, esvoaçavam veus azues sobre cabellos negros encimados por bonnets de viagem, *institutrices* d'oculos fallavam, mulheres n'uma grande despreoccupação riam a mostrarem lindos dentes.

— Oh! *C'est charmant... Très beau...*

Dois officiaes francezes com as suas fardas vis-

A casa das bagagens

Enchia-se o recinto; havia um vozear alegre de gente que ia almoçar á cidade, fallava-se em diversas linguas, trocavam-se francos, moedas argentinas e notas brazileiras, emquanto outros, já livres, acorriam ao posto do correio a expedirem telegrammas e sellarem cartas onde contavam aos parentes episodios da viagem, o dia da chegada, a hora em que os estreitariam ao peito.

— D'aqui a duas horas o embarque?! — dizia um brazileiro — e podiamos ter desembarcado hontem á noite...

O *Chili* chegara na vespera ao anoitecer e ficára ao largo sem visita de saude, que não se faz após o sol posto. E no emtanto todos elles, diante da cidade de que avistavam apenas um trecho ali da entrada do posto, diziam que o *Chili* podia ter acostado, que podia ser visitado de noite, deixando-lhes assim a sua liberdade por algumas horas.

Soubemos só então que as emprezas consignatarias não querem fazer esse acostamento, que o governo não as obriga a isso, nem lhes acena com

O desembarque

No posto de desinfecção

essa compensação de serem visitados a toda a hora da chegada os paquetes que quizerem acostar. Assim — diziam-nos — pouparia o passageiro o preço do transporte nas lanchas d'Alfandega, teria mais tempo de seu, deixaria mais dinheiro na cidade, que já tem encantos para o prender. E quantos não se demorariam aqui se houvesse um *Sud-express* todos os dias!?

Um official francez perguntava se ainda não havia esse *Sud-express*.

Agora era um argentino que ria satisfeito, que fallava em passar em Lisboa algumas horas e declarava por entre as fumaças cheirosas do seu charuto que o Caes da Europa teria verdadeira vida... Que se transformaria tudo...

E lá foi lamentando a falta do *Sud-express*, a apontar n'um gesto largo a casaria do Aterro.

No posto de desinfecção

Os passageiros que ficam em Lisboa © A chegada © Desinfecção e revista d'Alfandega © Os pagamentos © Emfim na cidade.

Já chegava outro vapor d'Alfandega com os passageiros destinados a Lisboa. São na sua maioria negociantes brazileiros que veem repousar e portuguezes que regressam do Brazil com os rostos tostados, quasi todos de aspecto doentio, trazendo a menos algumas illusões e a mais alguns cobres. Vem tambem uma turba mizeravel. São os que não ganharam dinheiro. Trazem violas braguezas a tiracollo uns, creanças esfarrapadas pela mão os outros e quasi todos gaiolas pobres com os seus papagaios amodorrados.

A alegria agora é grande. Cá de cima berra-se, sauda-se, clama-se para o vapor:

— Olha o Juca! Adeus! Viva!...

E o Juca acena de lá, as senhoras riem, as creanças dizem adeus, ha uma troca d'impressões anciosas:

—Então chegam bem?! E por lá?!...

Na frente do posto abraçam-se, saltam ao pescoços uns dos outros, um homem magro põe de lado a gaiola do papagaio e agarra-se a uma velhinha vestida de preto:

—Ó senhora mãe!...

Rodam as carretas carregadas de bagagens para a casa do despacho, que se enche. Ha já uma fileira larga em frente do balcão e vê-se então o interio das malas. Umas atafulhadas de roupas, finas, de aspectos ricos, d'escrinios de joias, outras com uns papeis amarellos, algumas roupas pobres e os empregados abrem tudo aquillo, mandam para a desinfecção a roupa servida, fazem despachar os objectos sujeitos a direitos, deixando seguir os outros.

Os corretores dos hoteis

E na maioria aquella gente mais opulenta entrega as malas, diz que as manda buscar depois, que só quer as *valises*. N'um *guichet* pagam dois mil e quinhentos réis pelo serviço de transporte e desinfecção. Para as estufas vão sendo conduzidas as malas, emquanto os vagonetes rodam com outras para o despacho e n'aquelle tumultuar da casa continuam ainda os abraços, as exclamações, sôam as phrases ternas.

Cá fóra do posto, além da parte da doca das obras do porto, estão n'uma fileira contida pela policia os corretores de hoteis e os trens de praça. Os carros dos hoteis mais caros param junto á grade dos armazens. Ha uma zoada por entre a poeirada que se levanta sob os pés dos passageiros:

— *Hotel Central*—O *Braganza* — *Hotel da Europa*. Alguns passageiros sobem para os carros dos hoteis,

Os passageiros atracando ao posto de desinfecção

senhoras arregaçam os vestidos, os pobres põem os pequenos ao collo.

— *Hotel das Nações... Hotel do Povo... Francfort...* Vem para o *Francfort?*

Tudo aquillo já caminha; um policia vigia o serviço dos trens. Fazem-se despedidas e os pobres vão já aos ranchos, escoltados pelos corretores dos hoteis mais baratos, perguntando n'um sotaque abrazileirado e mandando adiante a creançada com as caixas debaixo dos braços e as gaiolas dos papagaios na mão:

— É muito longe?

— Já ali em baixo...

Os americanos passam; nos trens, os passageiros de primeira fumam de perna traçada e á luz do sol, no posto, descarregam-se sempre as bagagens, emquanto ao longe, n'uma mancha negra, o *Chili* mette carga pelas duas amarras.

Então, diante da casaria do Aterro, sente-se o que poderá ser esse Caes da Europa, o velho jardim da beira mar, e diante das tercenas negras pensa-se em como seria agradavel para os que nos visitam encontrarem além um hotel magnifico onde se alojarem e para, de taça na mão, no fim d'um bom almoço, saudarem com o Champagne espumoso e fresco da viuva Cliquot esse rio largo e azul, esse sol d'oiro, esse porto magnifico: o Caes da Europa!

A visita da alfandega

Como vive e de que vive o lavrador do Minho

Para oppôr á carestia cada vez mais oppressôra da vida moderna e como lição animadora e eloquente a todos os humildes que nas cidades luctam pela subsistencia, nada mais impressionante do que a revelação que a **Illustração Portugueza** *faz hoje aos seus leitores. Uma provincia ha, em Portugal, onde uma familia consegue alimentar-se e vestir-se, dispendendo entre dez tostões e dois mil réis mensaes! Essa provincia é o Minho.*

Mas não basta dizer-se que toda a familia minhota vive geralmente durante 30 dias, com esse gasto mesquinho. Indispensavel é accrescentar que vive contente, sem desesperos e sem revoltas, sem pragas e sem prantos. Terra da mais numerosa pobreza de Portugal, o Minho é a terra da maior alegria portugueza. Atravessae o Minho. Por toda a parte vereis o riso em communidade com o farrapo. Por toda a parte o canto das mulheres acompanha a musica das fontes. De que milagre resulta esta conformidade alegre na miseria?

O NASCIMENTO ◉ O BAPTISADO ◉ CREANÇAS QUE TRABALHAM ◉ UM TIROCINIO PRECOCE ◉ A NATUREZA MÃE DOS POBRES ◉ O HORROR Á FARDA ◉ O CASAMENTO NO MINHO

No unico aposento da casa, coberta de cólmo esburacado ou telha vã, de rudes paredes de pedra sobreposta, por cujas fendas entra o frio e o vento, nasce, sem assistencia de parteira, no mesmo catre barbaro do noivado, a creança minhôta. Uma hora antes de dar á luz, a mãe pôz ao fogo do lar a trempe de ferro com agua para o banho. O marido está nos campos a sachar, a lavrar ou a podar as vinhas. Vae uma visinha chamal-o para vêr o filho, que nasceu. No dia seguinte é o baptisado. Quatro dias depois, a mãe apparece na eira com o filho ao collo. Passada uma semana, leva-o comsigo para o campo ou para o monte. Durante dois annos, — ás vezes mais, — lhe dá o seio. Já o pequeno come borôa e ainda mama. Exposta ás intemperies, ao calor e ao frio, ao sol e á chuva, como um animalsinho bravio nascido no monte, sob uma lapa, a creança ou succumbe ou fortalece. As mais das vezes cria-se, resistente e forte, n'esse severo regimen de selecção natural. Apartada do leite, é então invariavelmente abandonada á educação do proprio instincto. Aos cinco annos ensinam-lhe a resar. Aos sete annos confiam-lhe a guarda dos bois. A creança passa já os dias no monte, solitaria, pastoreando o gado. O monte é a sua primeira escola e quasi sempre a unica. Aos dez annos, começa a preparar-se para a communhão, indo á doutrina. Aos doze annos communga. E a vida de trabalho ininterrupto principia. Rapaz ou rapariga, que *já é de communhão*, é uma creatura emancipada. Se os paes são pobres, vão servir. Se são filhos de um lavrador remediado, fazem em casa o tirocinio arduo da lavoura. O creado de servir começa por ganhar a soldada de dois mil réis por anno e *os usos*. Mais tarde, dos dezoito aos vinte annos, chegam a ganhar, os mais diligentes, ao serviço de lavradores mais abastados, tres moedas. Mas esta soldada é um fenomeno. Os *usos* variam com a edade dos serventes: uma a tres camisas de estopa, um ou dois pares de calças de cotim ou saias de riscado, um collete e uns tamancos. Aos rapazes, as amas, por contracto, remendam-lhes e lavam-lhes a roupa. As relações entre estes servos pobres e estes amos tão pobres como elles são familiares sem isenção de respeito. O minhoto tem, como o romano, seu antigo senhor, a noção innata da hierarchia.

Por volta dos vinte e dois annos, o moço de lavoura, tendo concluido a sua aprendizagem, e li-

vre de soldado, casa-se. E' tão raro ficar um lavrador ou lavradeira sem casar como haver moço que não lucte tenazmente, com as energias do desespero, para se furtar ao tributo do sangue. O casamento é no Minho a base essencial á independencia. Moço ou moça que não case fica condemnado a servir toda a vida ou a trabalhar a jornaes. Toda a economia social d'esta vasta provincia portugueza assenta sobre a constituição da familia. Quando se fizer o estudo social minucioso, que de ha muito devera estar concluido, da população do reino, ver-se-ha que a densidade do Minho, a 'ntensidade das suas culturas e a sua immensa capacidade tributaria derivam do seu regimen familiar. D'ahi e porque a caserna contamina o minhoto com o desprezo pela labuta da terra e lhe predispõe o organismo para exigencias maiores de alimentação, de vestuario e de conforto, o recusarem systematicamente os paes a mão das filhas a todo o pretendente que um dia vestiu farda. Ter sido soldado, ter comido o rancho, ter dormido n'uma tarimba, é ser um repudiado. O soldado conheceu no quartel uma vida melhor. Esse passado afasta-o da communhão dos rusticos. Implacavelmente, o campo expulsa-o para a cidade, de onde elle veiu. Por isso o lavrador se despoja de quanto tem para livrar o filho de soldado e casal-o. O casamento é a aspiração unanime, o fim para que tendem todos os esforços, o premio conquistado com as canceiras as mais indescriptiveis, quando, afinal, esse casamento representa apenas a pobreza a dois, o trabalho a dois. O idyllio, meio sensual e meio lyrico, iniciado nas romarias, nas desfolhadas e no adro da egreja, termina com a bôda para se converter n'uma obstinada refrega pelo pão.

Ordinariamente, a noiva leva para o casal um cordão e umas arrecadas de oiro e o noivo as alfaias indispensaveis para o grangeio das terras. Os parentes e os amigos offerecem aos esposados, este duas gallinhas, aquelle uma raza de milho ou de centeio, outros dois afuzaes de linho, uma colher de ferro para a panella, meia duzia de tigelas ou de pratos de barro, meio alqueire de feijão, a pá para o forno, um molho de lenha... Se um d'elles é filho de lavrador abastado, este abona-lhes o gado: uma junta de bois *medianeirinhos* para principiar e uns touros novos para a engorda. Algumas vezes, raras, levam ainda em dote uma ceva morta e meia pipa de vinho. O primeiro dia de casados é para os noivos pobres o primeiro dia de trabalho arduo. Vão amanhar os dois umas terras pequenas, que tomam de renda barata; assoldadam um creadito novo, de pequeno ganho, que os ajude no mourejar dos campos e a ama nos arranjos da casa. Desde o nascer do dia até noite fechada trabalham ambos no campo ou na eira. A noite, até altas horas, a mulher fia, junto da lareira apagada, a teia com que ha de fazer as primeiras camisas e os primeiros lençóes. O homem descança da labuta do dia, ajudando a mulher a dobar o *fiado*.

Feitas as podas, as mergulhias, os enxertos e as sementeiras, e antes das colheitas, quando a lavoura abranda, o homem vae ás feiras, vende os bois, compra outros mais baratos e ganha alguns tostões em carretos de pedra. A mulher, no emtanto, córa a teia, lança ninhadas de frangos e gallinhas e engorda os cevados... para vender. Mas esses pobres teem uma riqueza: são independentes. Emquanto pagarem com o que a terra lhes dá a renda por que a tomaram, essa terra que el-

les lavram e cavam e semeiam pertence-lhes. É d'essa terra, adubada com o seu suor, que lhes vem, com o sustento, o orgulho de um dominio que se lhes afigura sem partilha. São d'elles as aguas, os campos, as arvores, os montes, a eira e a casa. Não existe para elles, como para o operario, um patrão dominador e imperativo. Só elles mandam na sua fabrica, de que são, simultaneamente, rendeiros e operarios.

O ORÇAMENTO DE UM CASAL MINHOTO — A MERENDA — O ALIMENTO DO POBRE — O SUSTENTO DE UMA FAMILIA POR 15 RÉIS DIARIOS

O alimento d'este casal de noivos pobres reduz-se a pouco mais do que a caldo e pão. O homem que trabalha da aurora até á noite, a mulher que o acompanha na sua lida incessante, comem menos do que as creanças da cidade. E attentae na mulher. Se a gravidez a não deformou já, é uma mocetona córada e jovial, de larga bacia fecunda, de aflantes seios, de roliços braços de trabalhadora e de amorosa. O homem é musculoso e rijo. Ambos cantam emquanto sacham. Nenhuma tristeza perturba esse casal pacifico e laborioso. Gosam amplamente as duas saudes humanas: a moral e a physica, de cuja união resultam as felicidades perfeitas. O trabalho é o seu regimen moral. Vae vêr-se em que consiste o seu regimen alimentar, base da saude do corpo.

O caldo d'estes trabalhadores infatigaveis reduz-se a algumas couves gallegas, apanhadas na horta, a alguns feijões — poucos, porque são caros, — e um magro fio de azeite como adubo. O pão é de milho e centeio, cozido em grandes fornadas de dois ou tres alqueires... para durar, tornar-se rijo e render mais! O cozer pão a miudo é prejudicial á economia. Come-se mais emquanto é fresco e quantas mais vezes se accende o fôrno mais lenha se consome! Raras, muito raras vezes, á merenda, comem os lavradores, como presigo, uma sardinha. De longe a longe, quando o sardinheiro as vende a mais de 5 ao vintem, a mulher aventura-se a gastar dez réis n'esse luxo superfluo! Quando se diga que um quartilho de azeite, que nas aldeias do Minho póde custar seis ou sete vintens, dura a um casal pobre de 15 dias a um mez, ter-se-ha completado o quadro impressionador da espantosa economia minhôta.

Annos ha, porém, em que o pão escasseia, a arca se esgota, e o preço do alqueire de milho sobe, como ha quatro annos, acima de oito tostões. Então o lavrador passa a comer pão de centeio e semeia batatas para substituir o thesouro alimenticio da borôa de milho. Á salgadeira — os que a teem — vão apenas pelas festas do anno: o Entrudo, a Paschoa e o Natal, ou em dias de trabalho extraordinario, quando não podem de todo em todo, sósinhos, grangear as terras, e rogam o auxilio dos visinhos, que veem ajudar, sem jornal, só pela *mantença*.

Uma familia de lavradores minhôtos que, não satisfeita com as dadivas generosas da terra: pão, batatas, hortaliça, feijão, fructa e lenha, gasta em alimentação, vestuario e demais necessidades da vida para cima de dez tostões por mez, ou é *rica* ou está perdida!

Parecendo á primeira vista impossivel que tão insignificante quantia possa chegar ao custeio de uma casa, verifica-se, em face de um ligeiro orçamento, que ella é sufficiente e não é mesmo attingida as mais das vezes.

O exiguo orçamento de um casal de lavradores no Baixo-Minho póde resumir-se, para as primeiras necessidades, a quatro verbas unicas e modestissimas:

Azeite.........	240 réis
Sardinhas......	100 »
Sal............	20 »
Sabão..........	60 »

Ou um total de 420 réis!

Ficam de fóra as despezas de vestuario. Uma andaina de roupa para homem, que póde custar aproximadamente 8$000 réis, dura entre 5 e 10 annos. Quasi sempre descalço, o lavrador não chega a romper por anno um par de tamancos. O chapeu, que custa de seis a dez tostões, serve apenas nos dias de feira ou de romaria. No serviço, o lavrador usa a carapuça de lã no inverno e o chapeu de palha, de vintem, no verão.

Aparte o ouro que compram com as economias do casal e que, como o gado, é considerado fortuna commum, as mulheres gastam ainda menos do que os homens! Duas saias de chita clara, dois aventaes com barras de velludilho, um collete de riscado côr de rosa com guarnições de fitilho preto, um lenço farto para o seio e mais dois para a cabeça, são objectos que as mais pobres adquirem apenas duas vezes na vida: quando noivas e quando, mais tarde, casam o primeiro filho! As mais abastadas compram de dez em dez annos uma saia de baeta crepe, de anno a anno um lenço de seda, de dois em dois annos umas chinellas de verniz. São as prodigas.

Roupa branca, lençóes, toalhas e ainda as calças de uso dos homens sahem do linho, da estôpa ou dos tomentos — da teia fiada em casa. Em noites de luar, as mulheres fazem o seu serão á porta, economisando a luz.

A propria doença parece respeitar esse culto sagrado da economia dos lavradores do Minho. Mata-os a velhice. Quando entram na agonia, a familia manda chamar o padre para os confessar e ungir. Depois do padre vem então o medico, que raro receita e as mais das vezes chega a tempo de verificar o obito.

E assim morrem economicamente, como economicamente nasceram e viveram...

F. NEVES PEREIRA.

A lida do espada Cocherito no 7.º touro

A PRIMEIRA TOURADA DA EPOCA, NA PRAÇA DO CAMPO PEQUENO, EM 15 DO CORRENTE

O sr. Belard da Fonseca completando o «record» de 10 kilometros na pista do Velodromo, na tarde de 15 do corrente

Durante a insubordinação a bordo do couraçado «Vasco da Gama» —O povo no Terreiro do Paço

Durante a insubordinação a bordo do couraçado «Vasco da Gama»—O povo no jardim de Santa Catharina

O QUE HA DE MELHOR
PARA OS
DENTES
M.B.B.
TEIXEIRA
A PASTA
COURAÇA
Pasta Dent
Couraça
COURAÇA
MARCA REGISTADA
230.232
RUA
DE
S. BENTO
234.236
A venda nos principaes estabelecimentos

Companhia Franceza do Gramophone

NOVAS COLLECÇÕES SENSACIONAES

Artistas de todo o mundo todas as celebridades

OS CHEFS D'ŒUVRES de todos os maestros glorificados: Adam, Beethoven, Berlioz, Bizet, Delibes, Donizetti, Gounod, Meyerbeer, Mozart, etc., etc.

AS VOZES de todas as divas celebres e de todos os cantores laureados

Sons com toda a nitidez, pujança e clareza

A melhor, a mais verdadeira, fiel e a mais barata bibliotheca artistica é um

GRAMOPHONE

e uma collecção de discos impressos com as vozes dos artistas preferidos.

A **Companhia Franceza do Gramophone,** Largo da rua do Principe, 8, 1.º, satisfaz promptamente todos os pedidos que lhe sejam dirigidos, bem como fornece catalogos e esclarecimentos.

Agente no Porto: Arthur Barbedo, largo de S. Domingos, 12, 1.º—**Agente em Braga:** Manuel Antonio Maneiro Gomes